

CER

CENTRO de ESTUDOS REGIONAIS

ESTUDOS REGIONAIS

JANEIRO 2016 | DEZEMBRO 2017 · NÚMERO 22 | 23
(II SÉRIE)

CER

CENTRO de ESTUDOS REGIANOS

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

Direcção Editorial:

Isabel Cadete Novais

Coordenação/Secretariado:

Manuela Laranjeira

Redacção e Sede:

Centro de Documentação José Régio
Av. José Régio – Apartado 150
4481-910 Vila do Conde

Contactos:

Telef. 910 086 473

E-mail: cer.viladoconde@gmail.com

geral@centrodeestudosregianos.com

Web: joseregio-cer.pt

Edição:

Centro de Estudos Regianos

Capa e Arranjo Gráfico:

Marta Albermaz

Tiragem:

500 exemplares

Produção Gráfica:

Clássica, Artes Gráficas

Depósito Legal:

116820/97

Preços (c/ IVA incluído):

Número Avulso: € 14

Assinatura Anual: (portes incluídos):

Portugal: € 13

Europa: € 15

Outros Continentes: € 18

I.S.S.N.:

0874-1921

APOIO:



Vila do Conde
CÂMARA MUNICIPAL

CER

CENTRO de ESTUDOS REGIANOS

ESTUDOS REGIANOS

JANEIRO 2016 | DEZEMBRO 2017 · NÚMERO 22 | 23
(II SÉRIE)

As Margens do Escrever-se em *Páginas do diário íntimo* de José Régio

Dentro do universo dos textos autobiográficos, o diário ocupa, na contemporaneidade, um espaço de grande relevância. Pela sua ductilidade, o diário é um continente quer no que se refere aos temas que nele podem ser registados, quer no que à forma (estilo) diz respeito. Neste sentido, Palma-Ferreira definiu-o como um «campo de batalha de todas as contradições de um *eu* que nem se encontra nem se perde»⁽¹⁾ e acrescentou que a escrita de um diário é um exercício «na libertinagem da liberdade, destruição das fronteiras entre a literatura e a não-literatura»⁽²⁾. Numa primeira abordagem, a escrita diarística aparece efetivamente como um registo desprezioso. É, como metaforicamente afirmou Blanchot, uma «âncora que rasa o fundo do quotidiano e se agarra às asperezas da inutilidade»⁽³⁾. Noémie Cadet define o diário como «une pratique d'écriture ordinaire et personnelle partagée entre profondeur existentielle (exploration psychologique et aventure spirituelle) et réalisme quotidien»⁽⁴⁾.

183

Esta escrita coloca o sujeito numa posição de grande frontalidade, como quem friamente se olha ao espelho. Tal olhar reveste-se de uma indelével ambiguidade, podendo ser causa de angústia ou despertando uma atitude narcísica (recorde-se, a propósito, o conto «O espelho» de Machado de Assis). José Saramago apresenta o primeiro volume dos seus *Cadernos de Lanzarote*, refletindo acerca desta atitude de autocontemplação de si. A reflexão que faz sobre o aparecimento do seu diário é a seguinte:

«Gente maliciosa vê-lo-á como um exercício de narcisismo a frio, e não serei eu quem vá negar a parte de verdade que haja no sumário juízo, se o mesmo tenho pensado algumas vezes perante outros exemplos, ilustres esses, desta forma particular de comprazimento próprio que é o diário.»⁽⁵⁾

(1) Palma-Ferreira, João, *Diário*. In Álvaro Salema. «Diário Íntimo». In *Dicionário de Literatura*. Atualização – 1.º volume. [Dir. de Jacinto do Prado Coelho]. Lisboa: Livraria Figueirinhas, 2002, p. 288.

(2) *Ibid.*

(3) Blanchot, Maurice, *O livro por vir*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1984, p.195.

(4) Cadet, Noémie, *Écrits ordinaires singuliers. Façons de (se) dire, façons de (se) voir, façons de faire*. Paris: DSAA Design Produit / École Boulle, 2016, p. 21.

(5) Saramago, José, *Cadernos de Lanzarote*. 1.º Vol. Lisboa: Caminho, 1994, p.9.

O certo é que, depois da revolução freudiana, a vida individual ganhou um reconhecimento inaudito que os vários “ismos” do início do século XX não se cansaram de expressar. Graças à valorização da experiência pessoal e irrepetível, registar os episódios insignificantes do quotidiano ganhou significado – não é anodinamente que Milan Kundera escreveu, já neste século, uma singular narrativa intitulada *A festa da insignificância*⁽⁶⁾. Régio, figura maior do nosso segundo modernismo, manteve a custo um diário. Foi, como ele mesmo disse, um diarista errático e pouco persistente. Esse diário está hoje publicado sob título *Páginas do Diário Íntimo*⁽⁷⁾.

Acompanha o autor de *Biografia* um claro desagrado sempre que equaciona o valor do seu diário, cuja revelação nos é dada em expressões de carácter depreciativo. Estas vão pontecendo o discurso pessoal, tematicamente disperso e emaranhado, com uma força bem contundente. Acontece, por exemplo, a 18 de novembro de 1958, quando escreve: «Mas isto presta, este diário cobarde?»⁽⁸⁾; ou, passado pouco mais de um ano, a 17 de janeiro de 1960: «Mais uma vez me esforço a escrever umas linhas neste diário falhado»⁽⁹⁾. É inegável a depreciação desta forma de escrita que, contudo, vai mantendo, com um esforço de que tem consciência.

A questão de fundo deste menosprezo (que não deixa de ser curioso, nomeadamente se tivermos em conta que em muitas das entradas diarísticas o autor defende a grandeza e a singularidade da sua obra) tem de ser equacionada à luz da problemática acerca da expressão e, conseqüentemente, das possibilidades da escrita revelar o homem. Neste âmbito, a escrita diarística é sentida como profundamente decetiva, na medida em que não consegue cumprir o seu desígnio de trazer à luz a verdade acerca do sujeito que se toma como centro do seu próprio discurso, dada a identidade entre autor, narrador e personagem. Afirmações como «Releio algumas páginas deste diário, e logo me desgosto delas. Sinto-me cheio de ideias e pontos de vista. Mas onde aparecem no meu Diário?»⁽¹⁰⁾, ou as acima citadas, dão conta deste sentir a escrita diarística como uma expressão impura e irremediavelmente falhada. Como temos vindo a dizer encontramos, ao longo das *Páginas do Diário Íntimo*, muitas entradas em que José Régio explicita a sua dificuldade em escrever um diário. Numa entrada diarística registada em Portalegre, a 19 de dezembro de 1964, reflete sobre essa sua dificuldade, afirmando:

«A dificuldade quase invencível que tenho em «manter um diário – é que, gostando muito de falar de mim, gostando demasiado, me não interessa, todavia, falar directamente de mim senão através de uma obra literária. Mas um Diário não é uma obra literária; ou os Diários que o são deixam de ser Diários.»⁽¹¹⁾

(6) Kundera, Milan, *A festa da insignificância*. Alfragide: Dom Quixote, 2014.

(7) Régio, José, *Páginas do Diário Íntimo*. 2.ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000. Nota: as citações serão todas desta edição.

(8) *Ibid.*, p. 332.

(9) *Ibid.*, p. 343.

(10) *Ibid.*, p. 257.

(11) *Ibid.*, p. 362.

É evidente a primazia concedida à expressão artística, como forma de revelação do “eu”. Usando expressões de Assunção Morais Monteiro⁽¹²⁾, podemos dizer que Régio não se escreve no diário, e tem consciência disso. Ele apenas escreve o diário, reconhecendo que, por não ser uma expressão artística, esta forma de escrita, além de ser penosa, não lhe abre a possibilidade de verdadeiramente se revelar. Curiosamente, pensamos não ser hiperbólico afirmar que o autor da *Confissão dum Homem Religioso* viveu submerso no desejo de se escrever, até porque, para ele, o homem é condição *sine qua non* de toda a criação artística. Toda a obra regiana é atravessada, mais ou menos explicitamente, por um imperativo de autoanálise⁽¹³⁾.

Na “Introdução a uma obra”, longo texto que acompanha a edição de *Poemas de Deus e do Diabo*, o poeta e ensaísta identifica como uma das suas características mais vincadamente afirmadas “cavar e escavar no mundo interior – e não só dum ponto de vista estético”⁽¹⁴⁾. Sem deixar de ser e estar atento ao mundo (e de nele exercer uma atividade cívica que não pode ser escamoteada), é evidente que a obra de Régio tem no seu âmago a atitude narcísica do sujeito que se debruça sobre si. Mas o mito é superado porque este gesto não é meramente contemplativo, mas sim analítico – surge do gosto de se analisar e gera um olhar introspetivo. Assim, ao mesmo tempo que é poética, essa atitude é filosófica e dramática. O soneto “Narciso” ilustra bem esta descida do eu por dentro de si. «Dentro de mim me quis eu ver. Tremia / Dobrado em dois sobre o meu próprio poço...»⁽¹⁵⁾, declara o sujeito poético. Narciso – o do mito – patenteia o drama da exterioridade. Régio, com a sua persistente obra, “treme” dobrando-se para dentro. Este narcisismo, tal como Carlos Reis⁽¹⁶⁾ explicitou a propósito da definição do modo lírico, não pode ser confundido com egoísmo nem, como chegou a acontecer com uma crítica azeda em relação a Régio, com umbicalismo.

Recorde-se que, nessa “Introdução a uma obra”, o autor afirmara (ainda que socorrendo-se de uma estrutura interrogativa) o seu pendor para a autoanálise:

«Uma coisa, porém, me interessa, entre várias outras, neste ensaio: Esboçar, sob certos aspectos, um estudo da minha própria personalidade estética. O arrojo e a ambição desse projecto, já no princípio os deixei assinalados. Mas não estará ele de acordo com algumas

(12) Monteiro, Maria Assunção Morais, «Escrever um diário ou escrever-se num diário?». In *Largo mundo alumiado, Estudos em homenagem a Vítor Aguiar e Silva*. [Org. de Carlos Mendes de Sousa e Rita Patrício]. II Volume. Braga: Centro de Estudos Humanísticos / Universidade do Minho, 2004, pp. 729-744.

(13) É comum a vários estudos sobre a obra regiana o apontar a necessidade de autoconhecer-se como um tema central dessa mesma obra. Leia-se, por exemplo, o artigo “José Régio. Autobiografismo e modernidade literária”, de Giampaolo Tonini, no qual se apontam três temáticas principais da obra regiana, a saber: primeira, necessidade/impotência de autoconhecimento; segunda, Deus e o diabo, o anjo e o demónio de memória baudelaireana; terceira, a multiplicidade do eu. (Tonini, Giampaolo, «José Régio. Autobiografismo e modernidade literária». In *Boletim do Centro de Estudos Regianos. Câmara Municipal de Vila do Conde*, n.º 6/7. 2000, p. 107).

(14) Régio, José, «Introdução a uma obra». In *Poemas de Deus e do Diabo*. 7.ª edição, Porto: Brasília Editora, 1969, p. 158.

(15) Régio, José, *Poemas de Deus e do Diabo*. 7.ª edição, Porto: Brasília Editora, 1969, p. 19.

(16) Reis, Carlos, *O conhecimento da literatura. Introdução aos estudos literários*. Coimbra: Almedina, 1999.

tendências que supus visíveis logo nas minhas primeiras tentativas? não será manifestação do meu pendor a gostosamente me servir de mim como dum indivíduo estranho? em desdobrar-me em observado que se exprime e observador que o exprime?»⁽¹⁷⁾.

Por outro lado, e retomando a questão da expressão artística, importa fazer notar que a primazia que lhe é concedida se funda no facto de possibilitar a universalização do eu pessoal, porque se dilui a fronteira entre o “eu” e o “outro”, na medida em que, falando de si, o poeta fala do Homem. Num registo de Portalegre, 19 de dezembro de 1964, Régio refere-se à criação da obra literária como um processo de indelevelmente se “outrar”, se escrever em terceira pessoa.

«Quando, numa obra literária, falo de mim – directa ou indirectamente – já simplesmente falo de um homem. Escrevo eu, mas estou escrevendo na terceira pessoa. Salta isso à vista em muitos dos meus poemas, e não deixa de ser verdade quando não salta à vista.»⁽¹⁸⁾

A primazia do conhecimento de si é pedra angular de todo o edifício gnoseológico regiano – até porque é deste conhecimento que provém o conhecimento da humanidade e de Deus. O narrador d’ «As pseudo-memórias incompletas de Jaime Franco», que constituem o XVIII capítulo do romance *Jogo da Cabra Cega* e que poderemos considerar uma *mise en abyme* não só do *Jogo*, como também de grande parte da ficção regiana, é claro ao afirmar «através do conhecimento de mim, se me revelava a humanidade. E assim se me revelou Deus!»⁽¹⁹⁾. Fica bem vincado o postulado regiano segundo o qual o conhecimento do eu torna possível o conhecimento e a compreensão do(s) outro(s). Esta é, aliás, a terceira conclusão que ele aponta no final da reflexão autocrítica que intitulou “Introdução a uma Obra”:

«Todo o artista fala dos outros quando de si, e de si quando dos outros, porque através dum homem, que é, fala do homem. Toda a criação artística é, por um lado, fundamentalmente subjectiva, por outro, (e na medida em que atinge não só a intemporalidade, não só a universalidade, como também a simultaneamente diversa e una realidade humana) fundamentalmente objectiva. Pelo simples facto de ser homem, todo o homem, por excepcional que seja, fala do homem ao falar de si.»⁽²⁰⁾

A par da obsidiante busca de si, temos de colocar a premente necessidade de se revelar, de se dar a conhecer ao(s) outro(s). Foucault, referindo-se expressamente à escrita de cartas (outra consagrada forma de expressão autobiográfica), afirma que «escrever é

(17) Régio, José, «Introdução a uma obra». In *Poemas de Deus e do Diabo*. p. 156.

(18) Régio, José, *Páginas do Diário Íntimo*. p. 362.

(19) Régio, José, *Jogo da Cabra Cega*. 4.ª edição, Porto: Brasília Editora, 1982, p. 377.

(20) Régio, José, «Introdução a uma obra». In *Poemas de Deus e do Diabo*. p. 169.

pois «mostrar-se», dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro.»⁽²¹⁾. O “eu” que escreve dirige-se sempre a um “tu” (mesmo quando este não está explicitamente presente no discurso). Toda a escrita é, portanto, dialógica. Este dialogismo é muito evidente ao longo de *Páginas do Diário Íntimo*, e manifesta-se ostensivamente na inclusão de cartas que o autor vai recebendo (e de outras que ele escreve e, depois, transcreve para o diário). Em termos discursivo, a voz do sujeito (autor-narrador-personagem) apaga-se momentaneamente, para ceder lugar à voz de outros que com ele dialogam epistolarmente. O diário torna-se profundamente polifónico. Esta polifonia manifesta uma profunda preocupação do autor com as relações humanas, com a abertura ao outro e, de modo mais enfático, com a amizade. Esta asserção é validada pelas referências, sempre bem dolorosas, à degradação da amizade com José Marinho. Esta relação de Régio com José Marinho é um dos assuntos mais sistematicamente retomados ao longo de *Páginas do Diário Íntimo*, pelo que não pode deixar de despertar a atenção do leitor. Régio sentiu profundamente essa decepção «demasiado inesperada e amarga»⁽²²⁾, razão pela qual retoma o tema com dolorosa insistência. Mesmo na *Confissão dum Homem Religioso* é retomada esta questão. Aí afirma: «muito doloroso sentia o corte com qualquer das velhas amizades». E acrescenta: «Convincentemente o pude verificar nas duas ou três vezes que tal sucedeu. Perder dois ou três velhos amigo foi certamente dos grandes sofrimentos da minha vida.»⁽²³⁾. Refletindo acerca deste tópico, não podemos deixar de recordar o carácter catártico inerente à escrita diarística, mas esta ideia será desenvolvida mais adiante.

A inclusão de correspondência com outros autores e críticos literários não deixa de ser sentida, pelo próprio Régio, como problemática, nomeadamente em termos éticos. É que a sua posição nunca é anódica. O diarista, impossibilitado de renegar a sua posição, é aquele que decide sobre a correspondência a registar (copiar) para o diário. Ele é o demiurgo que controla e organiza essas trocas conversacionais / epistolares. Refletindo sobre este aspeto, Régio afirma:

«Bem sinto, dolorosamente, que há uma espécie de indelicadeza, impudor, indiscrição, em se transcrever num diário as cartas que se escreve: um impudor a que talvez eu não tenha direito, porque não estou só em causa. Todavia, como poderei manter um diário senão impudico? Senão indiscreto? Além de que a indolência e a falta de tempo nem sempre me permitem deixar transcritos doutro modo os meus sentimentos ou ideias.»⁽²⁴⁾

Associado a esta questão ética surge também o pudor que impede Régio-diarista da confissão plena. Mesmo escrevendo para si, a certeza (que o devir histórico veio confirmar)

(21) Foucault, Michel, *O que é um autor?*. 3ª edição. s/l: Veja, 1992, p. 150.

(22) Régio, José, *Páginas do diário íntimo*. p 284.

(23) Régio, José, *Confissão de um homem religioso*. 2.ª edição, Porto: Brasília Editora, 1983, pp. 158-159.

(24) Régio, José, *Páginas do diário íntimo*. p 144.

de que o diário acabaria por ser publicado sempre o impediu – como a todos os que escrevem diários⁽²⁵⁾ – de se revelar com toda a sinceridade, e de, como ele referiu, “dizer tudo”:

«Duas outras razões me parecem não menos sérias do que essa, – na minha natural relutância por um diário que insisto em querer manter: Uma, é a ideia de que, mais cedo ou mais tarde, por deliberação minha ou não, este diário virá a ser publicado. Outra, é a certeza antecipada (em parte – mas só em parte – derivada da razão antecedente) de que nunca, num diário, ousarei dizer tudo.»⁽²⁶⁾

188 Considerando a posição que Régio assume em relação ao diário, apetece perguntar por que razão manter esse diário, forçar-se a essa escrita diarística. A resposta mais clara e simples (sem querer tornar simplista a complexidade de *Páginas do Diário Íntimo*) parece ser: porque se trata do diário de um artista. Segundo o prosador d' *A Velha Casa*, o valor que o seu diário possa ter reside no facto de ser o diário de um criador literário, de um artista. É esta a avaliação que ele faz num momento já bem avançado da sua vida, quando a 16 de maio de 1961, anota a seguinte passagem: «Algumas coisas se têm passado durante estes meses – em que nada escrevi neste podre diário. Ora «este podre diário», se algum interesse ainda pode ter, é o de, sobretudo, ser o Diário dum escritor»⁽²⁷⁾. O conflito vivido por Régio-diarista é constante e de grande monta. O diário, enquanto género autobiográfico preso ao quotidiano, impõe uma escrita espontânea e, por isso, muito livre de preocupações estilísticas. Mas José Régio assinalou e assumiu, reiteradamente, a sua personalidade artística. Neste sentido, a 22 de outubro de 1946, procurando uma explicitação da sua natureza artística, afirma: «Tendo, como artista, a ordenar, a escolher, a preparar e cultivar até os sentimentos, impressões, emoções e pensamentos mais sinceros. Em suma: tendo a aproveitar-me para a minha criação artística»⁽²⁸⁾. Este aproveitar-se para a criação artística tem de ser entendido à luz da necessidade de dar forma literária à expressão de si. O sujeito é artisticamente transfigurado. Em *Páginas do Diário Íntimo*, o poeta do “Cântico Negro” confessa o prazer em caricaturar, em deformar o original – metaforicamente apresentado pela imagem do «menino que, pegando no seu próprio retrato, se pusesse com um lápis a tornar os olhos maiores, a acrescentar os ombros, a desenhar um capacete de guerreiro na cabeça, e fazer um bigode sobre a boca infantil... Os meus versos são um pouco isto, são até muito isto»⁽²⁹⁾. A arte, assim entendida, é uma forma de se mascarar, de dar nova forma ao original. Mas é também um processo pelo qual se fazem sobressair traços caracterizadores,

(25) Gregorio Marañón tem, acerca deste assunto, uma afirmação bem contundente: “Nadie escribe un Diario sin la intención, más o menos hundida en lo profundo de la subconsciencia, de que algún día sea conocido.” (Marañón, Gregorio, Amiel, un estudio sobre la timidez. 11.ª edição. Madrid: Espasa-Calpe, 1967, p.36).

(26) Régio, José, *Páginas do Diário Íntimo*. pp. 81-82.

(27) *Ibid.*, p. 353.

(28) *Ibid.*, p. 81.

(29) *Ibid.*, pp. 51-52.

Coinchebra, 14 de Março de 1924

Da manhã que não escrevo suas
linhas neste caderno. Para quê?
Tenho vivido e sofrido tudo o que
se não pode dizer... Sinto-me lo-
je tão cansado, que não sei o que
faria se tivesse uma pistola.
Espinal, porque guardam para mais
tarde aquilo que tenho de fazer?
Cada vez sinto mais que a vida
se não fez para mim, ou eu
me não fiz para a vida. Estou
cansado de fingir e de mentir;
sinto-me incapaz de me des-
mascarar... Vivo numa inquieta-
ção de todos os instantes, e tenho
medo de tudo e de todos. Para que
sei, de eu escrever estas coisas?
Já não escrevo neste diário me
me violentar. E para que sei de eu vivo

Página autógrafo do Diário de José Régio. Entrada de Coimbra, 14 de Março de 1924.

exigindo ao leitor um grande esforço de atenção, no sentido de ser capaz de ver para além dos traços que, realçando, também escondem.

Régio sonhou «Uma arte em que as palavras fossem as rigorosamente justas, próprias, adequadas, – e ao mesmo tempo inesperadas e sugestivas. Uma combinação imprevista de palavras vulgares. O rigor científico, a precisão ascética, – e o indefinido e rico da música. A simplicidade que nada sacrifica da densidade, da subtileza... e do perigo.»⁽³⁰⁾ Não admira, portanto que a escrita do diário – essa escrita cheia de uma despreocupação quotidiana lhe não despertasse interesse. Além disso, a obra de Régio repete-nos que a revelação não é para todos e que de nada adianta a revelação direta. Neste âmbito é bem elucidativa a intervenção de Rolão Rebolão que, no momento em que o Príncipe Leonel se preparava para revelar a todo o povo as suas orelhas de burro, soluça aflito: «não te descubras a eles! É que só eu posso saber, meu senhor! Eles não merecem..., não entenderão, meu senhor! Piedade! A verdade não é para todos...»⁽³¹⁾.

Já acima, a propósito da perda de amizades queridas, nos referimos à dimensão catártica da escrita. Pretendemos evocar ainda uma outra temática de enorme relevância na obra do criador de *Há Mais Mundos*. Referimo-nos ao tema da morte (e ao do sofrimento a ela associado). É relevante notar que, em momentos de grande sofrimento relacionados com a perda de familiares queridos, Régio retoma a escrita do diário. Essa escrita diarística exercer uma incluível função catártica, na medida em que, através dela, o escritor se liberta e purifica das suas dores e angústias. O diário é um confidente, um poço para dentro do qual o sujeito despeja a sua dor. A este respeito, não deixa de ser elucidativo ler diários de jovens que viveram situações de guerra. O caso de Anne Frank é o mais célebre e ela frequentemente reconhece a força purificadora da escrita diarística, porque, nas suas palavras, o papel tem «mais paciência que as pessoas»⁽³²⁾.

Por outro lado (a dualidade é uma marca indelével da arquitetura literária de Régio), a escrita diarística é sentida como uma violência, um doloroso remexer nas próprias feridas. Cite-se, como exemplo, a seguinte passagem:

«Sinto-me hoje tão cansado, que não sei o que faria se tivesse uma pistola. [...]. Estou cansado de fingir e de mentir; e sinto-me incapaz de me desmascarar... Vivo numa inquietação de todos os instantes, e tenho medo de tudo e de todos. Para que hei-de eu escrever estas coisas? Já não escrevo neste diário sem me violentar. E para que hei-de eu violentar-me a escrever nele? Remexo em mim próprio.»⁽³³⁾

Como se evidencia, escrever o diário é ao mesmo tempo, por paradoxal que possa parecer, sentido como um processo agónico, pelo sofrimento que causa, e anagógico,

(30) *Ibid.*, p 149.

(31) Régio, José, *O Príncipe com Orelhas de Burro*. 7.ª edição, Porto: Brasília Editora, 1986, p. 299.

(32) Frank, Anne, *O diário de Anne Frank*. Carnaxide: Livros do Brasil, 2009, p. 21.

(33) Régio, José, *Páginas do Diário Íntimo*. pp. 45-46.

sublimando esse sofrimento e permitindo uma purificação das emoções. Descendo e “cavando” – como dizia Régio – por dentro de si, o sujeito eleva-se na e pela escrita.

Numa avaliação global de *Páginas do Diário Íntimo*, podemos recuperar uma metáfora que usamos, aquando da realização de um trabalho académico: o diário de Régio «surge como a “guia” da estrada. A metáfora serve para elucidar que (i) este texto diarístico acompanha todo o percurso literário de Régio; (ii) este texto não é o essencial do percurso; ele está na margem; (iii) mas este mesmo texto orienta (ajuda) a condução, isto é, é um importante auxiliar para uma leitura profunda de toda a obra produzida por José Régio»⁽³⁴⁾. Como também dissemos, na altura, «o diário regiano aparece-nos como uma escrita que é espelho onde se reflectem inúmeras imagens. E quando a obra / imagem parece finalmente concluída, o Autor, com um terrível e impiedoso golpe, tudo reduz a pó e cinza. Torna-se uma escrita-espelho-sem-imagem»⁽³⁵⁾.

Efetivamente a grande imagem que nos fica da leitura de *Páginas do Diário Íntimo* é a de um caleidoscópio, em que, fragmentariamente (e por vezes de forma antagónica), o “eu” apresenta de si sucessivas definições, escrevendo-se e dando-se a ver como um ser inabarcável. Acresce que as faces que o diário mostra, quando comparadas com outras faces (re)construída na obra literária, são efetivamente faces/máscaras que se vão sobrepondo. Como afirmou Abel Barros Baptista:

«Em suma o que decide o interesse e a oportunidade de publicação, o sentido e o valor do diário, é a sua condição de espelho deceptivo, indiferente às imagens que reflecte porque sabe que valerá sempre e apenas pela capacidade de multiplicar até ao infinito as imagens de si próprio.»⁽³⁶⁾

O que nos resta é viajar pelas *Páginas do Diário Íntimo*, certos de que, «Em qualquer aventura, / O que importa é partir, não é chegar»⁽³⁷⁾. Italo Calvino, defendendo o valor dos livros de viagem, assegura que «os países mudam de ano para ano, e fixando-os tal como foram vistos regista-se a sua mutável essência; e neles [nos livros de viagem] pode-se exprimir algo que está para além da descrição dos lugares vistos, uma lição entre si e a realidade, um, processo de conhecimento»⁽³⁸⁾ (p.13). O mesmo se poderá dizer, com toda a propriedade, dos diários.

Carlos Teixeira

Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico de Bragança

(34) Teixeira, Carlos, “Escrever-se” e/ou “Outrar-se”. Escrita e revelação em *Páginas do Diário Íntimo* de José Régio. Vila Real: UTAD, 2008, p. 163.

(35) *Ibid.*, p. 165.

(36) Baptista, Abel Barros, «O espelho perguntador». In *Colóquio / Letras*, n.º 143/144. 1997, p. 78.

(37) Torga, Miguel, «Viagem». In *Antologia poética*. 4.ª Edição. Coimbra, 1994, p. 242.

(38) Calvino, Italo, *Um otimista na América*. Alfragide: Dom Quixote, 2016.